

Universidade do Estado do Amazonas –UEA
Centro de Estudos superiores de Tabatinga – CESTB

BRUNA CRUZ DE OLIVEIRA

Saberes pesqueiros e Estratégias locais de manejo dos lagos comunitários: Um estudo sobre a pesca comercial e artesanal na comunidade Terezina 3, Tabatinga-Am.

TABATINGA-AM

2023

Saberes pesqueiros e Estratégias locais de manejo dos lagos comunitários: Um estudo sobre a pesca comercial e artesanal na comunidade Terezina 3, Tabatinga-Am.

BRUNA CRUZ DE OLIVEIRA

INTRODUÇÃO

Na Amazônia brasileira, a atividade pesqueira é caracterizada pela riqueza de espécies exploradas pela quantidade de pescado capturado e pela dependência da população local pelo uso destes recursos (RASEIRA et al., 2006). Haja vista a complexidade desta atividade em face do predomínio de procedimentos artesanais na detecção dos cardumes e nas operações de captura, verifica-se que o conhecimento e a conservação dos recursos pesqueiros pelas sociedades rurais locais são elementos essenciais às estratégias de reprodução de um modo de vida singular e sociodiverso, marcado ora, pela complexidade na pesca nesta região e os diferentes tipos de usuários dos recursos pesqueiros, ora pelas diferentes estratégias de pesca e diferentes comportamentos frente aos recursos e ao ambiente.

Cabe-nos destacar que, ao se falar em estudos sobre ecologia humana, as sociedades rurais pesqueiras amazônicas valem-se de diversas e complexas práticas na utilização de recursos para a base de sua sobrevivência, pois apesar de se tratar de um ambiente muito rico, porém, apresenta fragilidades, essas fragilidades têm apontado para o desgaste e a sob exploração do ambiente e do uso potencial de seus recursos.

O conhecimento sobre a pesca traduzido a partir de um saber local, oriundo das sociedades rurais, possibilita-nos engendrar sobre as percepções

de mundo, formas de conservação dos recursos e também numa reflexão sobre a construção de políticas de gestão ambiental. Esta *cultura marítima* (MALDONADO, 2000; SALDANHA, 2005) resultado de um processo histórico cumulativo das populações humanas e vem ganhando destaque estratégico quando se fala sobre a importância do conhecimento associado a etnoconservação dos recursos naturais.

De acordo com Diegues & Arruda (2001), na Amazônia brasileira estes elementos nos revelam, por exemplo, que as populações tradicionais que habitam por diversas gerações algumas áreas acabam por acumular maior carga de experiências e conhecimentos sobre o ambiente que manejam.

A importância das atividades de pesca no modo de vida das comunidades rurais da Amazônia brasileira possibilita-nos uma compreensão inicial de que, enquanto atividade de trabalho, mais do que outra atividade econômica, é influenciada pelas forças da natureza, com reflexos imediatos na regularidade da captura, na formação de trabalho assim como no relacionamento dos grupos sociais envolvidos, sendo ao contrário de outros setores de trabalho, a única e última atividade humana de caça realizada em grande escala (DIEGUES, 1983).

Assim, esta pesquisa procura compreender a estreita relação do homem e natureza na atividade pesqueira, e como a etnoecologia dos recursos pesqueiros auxilia as relações entre os sujeitos envolvidos com a captura do pescado para a manutenção material e simbólica de seus modos de vida. Para chegar ao ponto pretendido na pesquisa, é necessário fazer um apanhado histórico de como a atividade pesqueira na Amazônia se tornou de uma simples atividade de subsistência, a uma importante atividade econômica para muitas comunidades na região, e para a própria economia do Estado. Além de buscar compreender como esse Estado intervém para dinamizar a pesca e possibilita novos arranjos no campo de gestão dos recursos pesqueiros, por exemplo, através da criação das políticas de manejo dos lagos destinados às atividades de pesca comercial e de subsistência na região.

A atividade pesqueira é praticada pelos habitantes da Amazônia desde o período pré-colombiano. Há registros das diversas modalidades de pesca e do comércio de produtos, como tartarugas e pirarucus, nos centros da região desde o fim do século XIX (VERÍSSIMO, 1985 in RUFFINO, 2005). A partir desta afirmação pode-se entender que o comércio pesqueiro na Amazônia possui

importância vital para as populações que nela habitam, em uma espécie de troca tanto material como simbólica, antes mesmo de introdução da lógica de mercado capitalista na região.

Somente a partir de 1960 é que o Estado resolve promover ações diretas para o desenvolvimento da pesca comercial para fins de atender o mercado, principalmente incentivos fiscais para obtenção de maquinário que modernizasse a frota da região. Esse desenvolvimento da pesca atingiu toda a região, primeiramente no entorno de Belém, na foz do rio Amazonas. Nos arredores de Belém surgiram as primeiras empresas de pesca industrial. O número de barcos com grande poder de pesca cresceu vertiginosamente sem que qualquer restrição fosse colocada (RUFFINO, 2005). E foi no decorrer do tempo “subindo o rio” e também atingindo a frota pesqueira no Amazonas. Na mesma época, no interior da Amazônia, a introdução dos motores à diesel e das fibras de náilon monofilamento para as redes de malha, assim como a instalação de frigoríficos, deu suporte técnico que faltava para uma mudança qualitativa no poder de pesca (RUFFINO, 2005).

Considerando esses dados, pode-se compreender o processo de profissionalização da pesca, e o avanço considerável da indústria sobre os recursos pesqueiros, o que causa uma diminuição do estoque natural, fazendo com que os pescadores profissionais busquem, de maneira cada vez menos racional, para assim, atender seus interesses econômicos sem levar em consideração a própria recuperação do ambiente explorado.

Esta problemática gerou, por exemplo, na região do Alto-Solimões no município de Tabatinga, um amplo debate na esfera pública sobre as estratégias conservacionistas de proteção dos lagos e demais ambientes de pesca destinados também ao consumo, ocasionando políticas de manejo dos recursos pesqueiros entre comunidades localizadas às margens do rio Solimões, fator que cada vez mais tem possibilitado demandar importância do etnoconhecimento e à etnoecologia oriundas do saber tradicional dos sujeitos envolvidos a partir das mobilizações de diversos segmentos sociais fundamentados pelo discurso de importância da gestão dos recursos pesqueiros a partir do saber tradicional local. Cabe destacar que a proposta de compreensão desta problemática se apresenta inserida num projeto de pesquisa maior contemplado no edital do Programa de Apoio à Pesquisa – Universal Amazonas

(edital n.030/2013 e processo aprovado Nº 062.00687/2015), intitulado “Mapeamento participativo e Identificação de Conflitos Socioambientais na Tríplice fronteira Brasil/Colômbia/Peru: Elementos para políticas públicas na resolução e gestão dos recursos naturais de uso comum”.

Neste sentido, compreendemos que a etnoecologia, como ferramenta de documentação deste conhecimento, pode ser considerada como uma primeira etapa, de grande importância, quando se pretende entender o significado político dos projetos que envolvam comunidades humanas e manejo de áreas voltadas para as atividades pesqueiras.

Para a realização deste trabalho objetivou-se de forma geral caracterizar e compreender os saberes etnoconservacionista dos pescadores e sua relação com as iniciativas de gestão territorial dos lagos da comunidade de Terezina III. E mais especificamente tem como objetivos caracterizar as atividades de trabalho voltadas para o uso dos recursos pesqueiros entre os moradores da comunidade Terezina III; Identificar a partir do saber etnoecológico, as formas de uso dos ambientes destinados ao trabalho da pesca; compreender a aplicabilidade do conhecimento sobre a pesca no manejo comunitário dos ambientes de pesca.

Vê-se como maior desafio é, encontrar o equilíbrio entre as pessoas para que possam ter acesso aos recursos daquele lugar e manter a disponibilidade para as futuras gerações, através da participação e organização nesse processo, promovendo ideias e colocando-as em prática através do conhecimento e informações fornecidos por eles, valorizar o conhecimento. Tudo isso é uma forma de aumentar a representatividade em relação ao uso dos recursos que utilizam. A participação dos moradores é a parte mais importante pois a base para ajudar na tomada de decisões.

REFERENCIAL TEÓRICO

A etnoecologia torna-se um elemento significativo ao estudo das relações homem/ambiente que se iniciam a partir dos avanços no campo da sociolinguística. Em geral, esta abordagem foi cognominada de etnociência e aborda o estudo das percepções por meio da linguagem (STURTEVANT, 1964). Neste sentido, seu surgimento possibilitou a linhagem de subcampos que tratam de domínios exclusivos da cultura, tais como a etnozootologia, a etnobotânica e

a etnoecologia que se apresentam como elementos significativos no modo de vida das sociedades rurais amazônicas dada a sua relação com a os recursos naturais em seu meio envolvente.

Ainda sobre este contexto Emílio F. Moran (1990), afirmaria que a etnoecologia, como pesquisa, tem como objetivo prover uma melhor compreensão de como as pessoas percebem o seu ambiente e como organizam estas percepções. A hipótese principal dessa abordagem, segundo o autor, “a taxonomia dos termos nativos abrange em si mesmo padrões de etnoecologia ou fornece as informações necessárias para se inferir a etnoecologia” (MORAN, 1990:18). A evidência encontra-se claramente nos aspectos cognitivos, não nos aspectos comportamentais, do estudo cultural.

Contudo, a etnoecologia como ferramenta do conhecimento pode obter uma grande contribuição para a gestão das atividades pesqueiras quando aplicada a realidade das sociedades rurais, como nas comunidades ribeirinhas localizadas na Amazônia onde a conservação dos recursos naturais é reflexo de um processo histórico advindo de um saber tradicional de práticas locais de conservação.

Neste contexto, Diegues, (2000) afirmaria que a conservação é o manejo do uso humano de organismos e ecossistemas, com fim de garantia a sustentabilidade desse uso. Além do uso sustentável a conservação inclui proteção, manutenção, reabilitação, restauração e melhoramento de populações (naturais) e ecossistemas. A importância desta temática tem revelado uma discussão mais geral entre diversos pesquisadores nos campos da sociologia, antropologia e biologia, onde o papel da conservação dos recursos naturais cada vez mais tem merecido uma reflexão à luz dos saberes tradicionais das sociedades rurais locais em face da gestão ambiental.

METODOLOGIA

Área de estudo

A área de estudo realizou-se na comunidade ribeirinha de Terezina III, localizada às margens do rio Solimões – AM no município de Tabatinga/Amazonas. A referida comunidade é caracterizada, para além da prática da agricultura, pelo desenvolvimento de atividades de pesca comercial e de subsistência resultantes da apropriação de diversos ambientes

característicos ao seu modo de vida e pela recente prática política de manejo comunitário dos ambientes de pesca. Para realização das atividades de pesquisa foram convidados pescadores mais antigos indicados pelos comunitários, dessa forma, delimitou-se o envolvimento dos sujeitos da pesquisa a partir das atividades de trabalho na pesca. Inicialmente utilizou-se na investigação os critérios baseados no conhecimento sobre o ecossistema local e de seus ambientes destinados ao uso dos recursos pesqueiros.



Quanto ao método empregado foi um Estudo de Caso, tendo em vista as possibilidades de construção e reconstrução focalizando a dimensões espaciais e temporais que estão claramente delimitado e ligado ao objeto de estudo. De acordo com Gil (2002), o Estudo de Caso "deve ser usado em estudo exploratórios e descritivos, mas também pode ser importante para fornecer respostas relativas a causas de determinados fenômenos". O mesmo, ainda, comenta que este Estudo proporciona maior nível de profundidade, para transcrever ao nível puramente descritivo proporcionado pelo levantamento.

Na tradição etnoecológica, para Emílio Moran (1990), a coleta de dados tem por objetivo esclarecer termos nativos para animais, plantas, insetos, tipo de solo e etc. Procura lidar exaustivamente com distintos critérios utilizados para se compor os “nomes” atribuídos aos componentes do sistema e relacioná-los entre si. Logo, isso deve levar em consideração ao desenvolvimento de taxonomias, ou uma classificação hierárquica dos termos segundo níveis de generalidades.

A compreensão da abordagem etnoecológica dos indivíduos facilita o conhecimento sobre o ambiente e de como essas informações podem afetar suas relações com o ambiente. Tal qual, facilita na identificação de variáveis que podem ser testadas na investigação empírica.

As técnicas utilizadas nesse Estudo de Caso foram: aplicação de questionários semi-estruturados; história de vida (entrevista em meio digital); observação participativa e mapas mentais dos ambientes de pesca.

Em relação aos procedimentos metodológicos iniciou-se com uma análise descritiva sobre a caracterização da pesca e seu uso nas comunidades ribeirinhas, bem como uma análise estatística para a verificação do grau de relação dos ambientes e apetrechos de pesca com as espécies capturadas de acordo com a sazonalidade e transcrição dos diálogos em meio digital.

Para atender aos objetivos da pesquisa, adotou-se os seguintes procedimentos:

1. Levantamento bibliográfico, buscando os elementos teóricos que explicitem o problema a ser investigado e seus constituintes factuais.
2. Realização do pré-teste junto aos sujeitos da pesquisa. O objetivo desta etapa será testar os instrumentos de levantamento de dados, identificando e corrigindo suas limitações e imperfeições para melhor atender aos objetivos da pesquisa;
3. Realização de levantamento de dados primários. Nesta etapa foram utilizados os seguintes instrumentos:
 - O questionário continha perguntas abertas e fechadas sobre o tema da pesquisa. A aplicação do questionário se deu tanto de forma individual como coletiva.
 - Diário de campo: anotação de informações adicionais durante as visitas.
 - Visita orientada: caminhada pela comunidade com as lideranças para identificar os processos sociais de trabalho.

- Interpretação de dados: apreender a partir dos dados obtidos com a pesquisa de campo como se dão as implicações referentes ao estudo executado.





RESULTADOS

Para a realização de toda pesquisa elaborou-se um cronograma como pode ser observado na imagem abaixo:

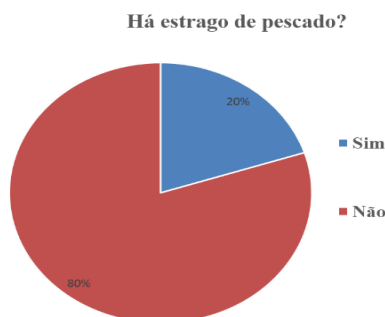
Atividades realizadas

Realização de relatório Parcial.	Fevereiro de 2016	NESA
Visita a comunidade de Terezina III	Abril de 2016	Terez

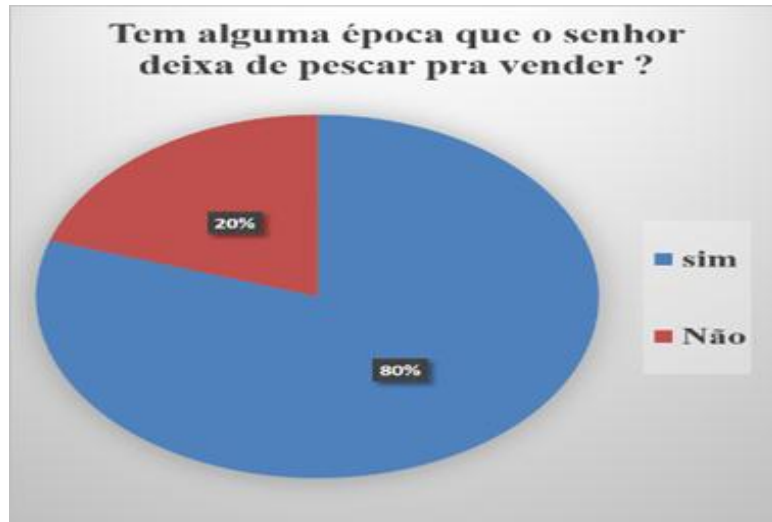
Análise dos resultados obtidos	Maio de 2016	NESA
Visita na comunidade de Terezina III com aplicação de questionários e entrevistas	Julho de 2016	Terez
Sistematização das informações coletadas	Julho de 2016	NESA
Produção do relatório final	Agosto de 2016	NESA

Após o cumprimento dessas atividades foi possível analisar os resultados a partir das anotações e questionários. Dentro desse estudo, fez-se alguns gráfico como é possível observar abaixo.

Dentre ao vários questionamentos, alguma das perguntas direcionada aos sujeitos envolvidos na pesquisa, foi feito uma amostra nos gráficos.

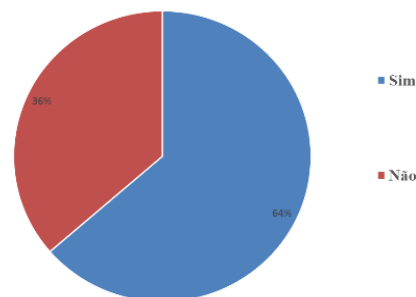


Neste primeiro gráfico, fez-se a pergunta de que, se há estrago de pesca, 20% disseram que sim, e justificaram que muitas vezes acontece por não haver consumo ou grande parte morrer e estragar. Em contrapartida, 80% afirma que não há tanto estrago.



O questionamento aqui é que, se teria alguma época em que os pescadores deixam de pescar para vender, verificou-se pelas respostas exposta no gráfico é que, 20% disseram não, mas 80% afirmaram parar por causa da época do defeso, que é o período do ano em que é proibido caçar ou pescar, ou seja, nesse ínterim há uma proibição legal.

Houve uma diminuição da quantidade de peixes nos locais de pesca?



O questionamento exposto nesse gráfico foi se houve uma diminuição de peixes nos locais de pesca. Pelo que se observa como resposta ficou 36% responderam que *não* e 64% disseram *sim*. Com isso, acredita-se que, realmente está havendo diminuição de peixes em determinados locais onde costumam pescar e, segundo os pesquisados, isso se deve ao fato de ter uma grande quantidade de pescadores nos mesmos locais de pesca. Isso é uma preocupação recorrente a qual precisa de sensibilização por parte de órgãos competentes, de forma a buscar outras causas ou fatores responsáveis essa diminuição.

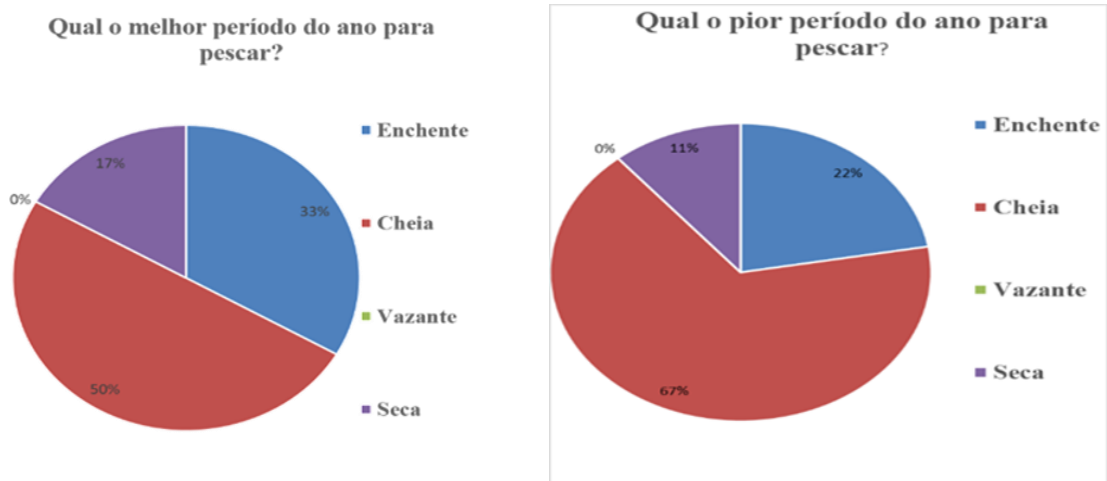


Qual o melhor horário para pescar? Horário também foi uma questão abordada por querer conhecer e entender a rotina de quem vive nessa atividade, que é a pesca, e que sobrevive desses recursos pesqueiros. Na análise o resultado ficou assim: 6% acredita que de madrugada seja o melhor horário para pescar, mas 13% opinou que à noite também pode um horário mais propício. No entanto, 19% falou que período da tarde também pode ser um bom momento para se pescar e, finalmente uma maior parte dos entrevistados, ou seja, 62% falaram que esse sim é o melhor horário para pescar. Observa-se que há certa discordância nos horários mas, há de se levar em consideração o costume de cada pescador. Eles buscam o melhor momento para ir em busca do produto e de acordo com a necessidade.

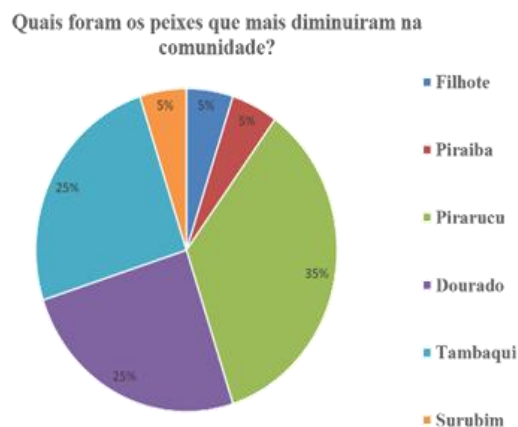


No gráfico anterior viu-se o melhor horário e, neste já se aborda o pior. Como se pode observar e fazer um comparativo, vê-se que o período da tarde foi o pior horário ficando com 60% da opinião dos profissionais da pesca; daí na

ordem decrescente ficou 20% à noite e, 10% ficou o horário da madrugada e da manhã.



Mas um comparativo a ser observado nesses dois gráficos. O questionamento aqui é saber qual o melhor e o pior período do ano para pescar. O se observou foi que, tanto para um quanto para outro a porcentagem foi quase a mesma, no caso da cheia. No caso, para melhor ficou com 50% e como pior 67%. Essa questão se justifica pela opinião que cada pessoa deu na entrevista. É interessante dizer que ao analisar as situações, é possível verificar cada sujeito tem uma história de vida diferente de outros e faz com que opinem também diferente. Os saberes se divergem e nesse ramo de trabalho faz-se aquilo que mais lhe convier.



Nesse último gráfico, abordou-se sobre quais foram os peixes que mais diminuíram na comunidade, isso de acordo com a observação e vivência dos pesquisados. Dessa forma, o resultado ficou assim: 5% piraíba, também 5% de

filhote, mais 5% surubim, 25% tambaqui, 25% dourado e 35% pirarucu. Com isso, vê-se que há necessidade de discussão para que seja proposto ações de forma que amenizar esse desfalque na natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, esta pesquisa procura compreender a estreita relação do homem e a natureza na atividade pesqueira e como a etnoecologia dos recursos pesqueiros é desenvolvida.

É o primeiro passo a ser dado que para contribuir com a sustentabilidade da comunidade para as gerações atuais e futuras, a experiência dos moradores atreladas aos conhecimentos teóricos seriam um dos pontos que devem ser trabalhados com o objetivo da valorização do conhecimento tradicional e as práticas de conservação já tidas por cada um deles.

Considera-se a pesca uma atividade importante, com relevante papel social, cultural, econômico e de sobrevivência. O que se pode dizer é que os sujeitos envolvidos na pesquisa deram detalhes acerca dos conhecimentos e demonstraram uma estreita relação com a natureza. Conclui-se assim, que o conhecimento dessas pessoas deve ser levado em consideração, pois constitui uma ferramenta eficaz para as estratégias de conservação e precisam estar embasadas numa perspectiva dialógica entre as comunidades locais e os mais diversos segmentos.

Os saberes locais e as regras culturais demarcam uma identidade e constituem um patrimônio cultural que deve ser valorizado não apenas na gestão dos recursos pesqueiros, mas em todos os âmbitos de gestão. Dessa forma, foi possível conseguir alcançar os reais objetivos, valorizando também os modos de vida das comunidades locais.

É relevante destacar a necessidade de ações interdisciplinares, que envolvam profissionais diversos para que possam avaliar com maior eficácia a situação da pesca de forma sistematizada, focando não apenas os aspectos etnoecológicos, mas também, em termos exploratórios, de maneira a evitar uma possível sobrepesca, uma vez que, além da subsistência, tal atividade é desenvolvida com função comercial.

REFERÊNCIAS

DIEGUES, A. C. & ARRUDA, R. S. V. Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil (Biodiversidade 4). Brasília: Ministério do Meio Ambiente, São Paulo: USP. 2001. p. 176

DIEGUES, A. C. Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar. São Paulo: Ática, 1983.

DIEGUES, A. C. S. O mito da moderna natureza intocada. 3. ed. São Paulo: Núcleo de Apoio a Pesquisa sobre Populações Humanas e áreas Húmidas Brasileiras/USP, 2000.

GIL, A.C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4.ed. São Paulo. Atlas, 2002. 175p.

LISBOA, P. L. B. Natureza, homem e manejo de recursos naturais na região de Caxiuanã, Megaço, Pará. Museu Paraense Emílio Goeld. 2002. 237p.

MALDONADO, S. No mar: conhecimento e produção. In: DIEGUES, A.C. (Org); Imagem das Águas. São Paulo: Núcleo de Apoio á Pesquisa sobre Populações Humanas e áreas Húmidas Brasileiras/USP. 2000. p. 59-68.

MORAN, E. F. A ecologia humana das populações da Amazônia. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

RASEIRA, M. B., CÂMARA, E. P. L. E RUFFINO, M. L. Gestão participativa dos recursos pesqueiros na várzea amazônica. Agriculturas. V 3 nº 1, 2006. p. 32 - 35

RUFFINO, M. L. Gestão dos recursos pesqueiros na Amazônia. Manaus: IBAMA, 2005.

SALDANHA, I. Espaço, Recursos e Conhecimento tradicional dos pescadores de manjuba em Iguape/ SP. São Paulo: Núcleo de Apoio a Pesquisa sobre Populações Humanas e áreas Húmidas Brasileiras/USP. 2005.

STURTEVANT, W. C. 1964. Studies in ethnoscience. American Anthropologist, 6 (3): 9-131.

VERÍSSIMO, J. A pesca na Amazônia. Rio de janeiro: Livrara Alves, 1985.